

## **Efeitos da pandemia no mundo do trabalho: em busca de uma agenda de estudos**

Luiz Henrique Tinoco Braga (Faculdade de Medicina/UFRJ - 6º período)

No editorial “[Estudos globais sobre o trabalho na pandemia](#)”, os autores apontam elementos para uma agenda de estudos sobre a pandemia centralizada nos impactos sobre a saúde dos trabalhadores e no entendimento sobre as mudanças no mundo do trabalho decorrentes da necessidade de enfrentamento do novo coronavírus (Cook et al., 2020). O artigo sugere como futuros pesquisadores podem abordar as questões trazidas à tona com a pandemia.

Sucintamente, dentre as propostas, destacam-se a relevância de pesquisas que investiguem os efeitos do nacionalismo e da fragmentação dos governos a nível global na economia e nos trabalhadores; a reformulação dos limites atuais entre os setores formal e informal como resultado da pandemia, demandando reavaliação de legislações trabalhistas com a inclusão de cláusulas sociais; a reconfiguração das desigualdades socioeconômicas nessa crise e como isso afeta a vida dos trabalhadores.

Sugerem estudos que viabilizem estratégias de acompanhamento da situação futura de sindicatos, diante da recente onda de greves (espontâneas e organizadas por sindicalistas), por motivos que abrangem desde medidas de segurança e saúde no trabalho para proteção de si mesmos e de suas famílias contra o Covid-19 até aspectos relativos à remuneração. Os autores ressaltam que os trabalhadores temem perder o emprego devido à greve, em especial devido ao crescente desemprego em escala global.

Entretanto, "durante a pandemia o motivo da greve é mais fundamental: os trabalhadores têm medo de perder a vida". Acrescentam que uma abordagem interdisciplinar, alicerçada em narrativas de vida, tem o potencial de compreender os meandros da solidariedade, mobilização e resistência e de desenvolver "políticas transformadoras". A agenda propõe também o monitoramento das mudanças políticas decorrentes da crise que possam prejudicar ou favorecer a classe trabalhadora, com destaque para a situação dos imigrantes. Aponta a necessidade de avaliação dos impactos das novas ferramentas de trabalho e a disseminação repentina da prática de teletrabalho (ou *home office*) sobre a saúde dos trabalhadores, incluindo a influência do processo de ensino à distância nas práticas de pesquisadores, que também são trabalhadores, e a relação com o meio acadêmico, e entre alunos e professores.

Na linha da automação, tem lugar o monitoramento dos impactos das atividades econômicas no meio ambiente e na saúde dos trabalhadores diante da crescente onda de digitalização das indústrias poluentes.

Motivado pelas notas pontuadas por estes autores escolhi tratar neste artigo, em linhas gerais e ilustrando com dados oficiais e notícias da mídia, o papel da pandemia na exacerbação das injustiças sociais no Brasil. O Covid-19 aumentou o contraste das desigualdades socioeconômicas, trazendo mais uma vez a necessidade de se discutir antigos problemas, como o acesso e a qualidade dos serviços de saúde, a falta de saneamento básico e o desemprego. Além dessas questões, a doença tornou-se mais um risco à saúde de trabalhadores, muitos dos quais se encontram divididos entre o medo da nova doença e o do já conhecido desemprego.

[Com 1.579.837 de casos confirmados e 64.383 mortes em 05/07/2020](#), o Brasil passa por um período de incerteza, luto e dificuldade. Desde que foi declarada uma pandemia em 11 de março pela Organização Mundial da Saúde, a cada dia o Covid-19 desafia a humanidade. O coronavírus ultrapassa fronteiras entre os países, e já se estabeleceu em todos os continentes. Limites geográficos não impediram sua disseminação e, indo além, o novo coronavírus também quebra outros limites: somadas à ameaça à saúde pública, as repercussões econômicas e políticas da pandemia são graves e igualmente complexas. Nesse contexto, as condições de trabalho estão passando por mudanças, que consequentemente afetam de várias maneiras a saúde do trabalhador.

Com o avanço da doença, os trabalhadores de alguns setores produtivos, que ganharam destaque na mídia, foram qualificados como grupos de risco para o Covid-19 pelo fato de trabalharem em locais onde há aglomeração de pessoas próximas umas das outras, dentre outros possíveis fatores que favorecem a disseminação do coronavírus.

Entre os setores visibilizados, encontram-se grandes [frigoríficos nos Estados Unidos](#), que se tornaram focos de casos de Covid-19. No [Sul do Brasil](#), unidades de processamento de carnes também foram interditadas em maio e [outras](#) continuam a ser afetadas. Mesmo com o isolamento social adotado para se combater o coronavírus, parte dos trabalhadores considerados essenciais, como as/os operadoras/es de [call centers](#), continuam suas rotinas. Infelizmente, muitos acabam se expondo a situações que colocam sua saúde em risco, mesmo antes de chegarem aos seus locais de trabalho. Nas duas maiores capitais do país, [ônibus](#) permanecem [lotados](#) tal qual sempre foram, impossibilitando o distanciamento social adequado.

O artigo citado reafirma que a pandemia amplificou as desigualdades sociais. Um exemplo disso é o fato que em muitas famílias de baixa renda praticar o isolamento social de maneira efetiva é difícil, visto que muitas vezes são famílias numerosas que vivem em residências pequenas e seus integrantes precisam continuar trabalhando. Com pouco acesso aos serviços de saúde e incapazes de seguir as recomendações sanitárias dos mesmos, essa parcela da população tem [menos meios](#) de se proteger da Covid-19.

Para os que conseguem trabalhar dentro de suas casas (práticas conhecidas como teletrabalho e *home office*), a experiência tem sido recebida de maneira mista.

Há dificuldades a serem enfrentadas, como manter a produtividade em casa e conciliar a rotina de trabalho com os afazeres domésticos. O medo do desemprego também é frequente entre as pessoas que adotaram o *home office*. Apesar disso, muitos brasileiros aprovam essa nova maneira de se trabalhar, como indica o resultado de uma [pesquisa](#). Espera-se, portanto, que essa modalidade de trabalho se torne cada vez mais comum no país, remodelando o cenário do mercado de trabalho brasileiro. Por outro lado, o *home office* também é alvo de críticas, como a necessidade de infraestrutura técnica (inacessível para muitos brasileiros) e [riscos ergonômicos](#) à saúde do trabalhador. Por outro lado, a pandemia teve efeitos muito negativos para o mercado de trabalho de forma geral. Cerca de 8,6 milhões de brasileiros ficaram [desempregados](#), nos setores formal e informal juntos, por conta da necessidade do isolamento social do Covid-19. O desemprego foi agravado também em diversos outros países.

A Organização Internacional do Trabalho ([OIT](#), 29/04/20) calcula uma perda estimada de 300 milhões de postos de trabalho no mundo inteiro, e como resultado, espera-se que o número de trabalhadores no setor informal cresça como consequência da pandemia. A OIT também afirma que os trabalhadores jovens são particularmente afetados pela pandemia, que acabou interferindo no seu treinamento, dificultando ainda mais a inserção de novos trabalhadores no mercado de trabalho ([veja](#)). Os [recém-formados](#) de cursos de graduação também enfrentam maior dificuldade no momento para conseguirem emprego. Em resposta ao cenário atual, o número de pessoas que se registraram como Microempreendedores Individuais (MEI) aumentou desde o início da crise do Covid-19. Segundo dados do Sebrae, 52% dos MEIs pararam suas atividades na quarentena e muitos sofrem com queda de faturamento e inadimplência. Apesar disso, muitos brasileiros veem a possibilidade de se tornarem [MEIs](#) com otimismo, principalmente com o atual aumento do desemprego.

Em suma, ainda não é possível saber qual a extensão das marcas que esta pandemia deixará no mundo, porém seus efeitos já são sentidos pela sociedade.

A pandemia acabou acelerando a disseminação da prática do teletrabalho, ao mesmo tempo em que muitos trabalhadores essenciais precisam continuar em seus postos. Se as mudanças trazidas para o mundo do trabalho serão limitadas ao atual momento de pandemia ou perpetradas daqui em diante, somente o tempo dirá.

**Artigo-fonte:**

Cook ML, Dutta M, Gallas A, Nowak J, Scully B. Global Labour Studies in the Pandemic: Notes for an Emerging Agenda. *Global Labour Journal*, v.11, n.2, p.74-88, 30 de maio de 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15173/glj.v11i2.4329> Acesso em 20/06/20.